

## IMPrensa E Abolicionismo No Rio De Janeiro

Prof. Humberto Fernandes Machado - UFF

O movimento abolicionista a partir de 1880 foi impulsionado pelas transformações que estavam se operando no Império, em especial no Rio de Janeiro, relacionadas à expansão do capitalismo e ao processo de urbanização. No entanto, a prosperidade derivada das transações mercantis e o uso cada vez mais acentuado da mão-de-obra assalariada, nas manufaturas emergentes, conviviam com os traços inerentes às estruturas arcaicas da velha sociedade colonial, apoiada no braço do cativo. No início da década de 1880, o alemão Carl Von Koseritz retratou muito bem este aspecto, ao afirmar que as abundantes “novidades européias” nas “vitrines brilhantes” das casas comerciais lhe eram tão familiares, quanto os escravos que perambulavam pelas “ruas estreitas e sombrias”.<sup>1</sup> Assim, os hábitos europeizados das elites da cidade contrastavam com a maciça presença dos escravos.

O centro da cidade tornou-se o local privilegiado pelos “flâneurs”<sup>2</sup>, em especial a Rua do Ouvidor que exercia um fascínio emblemático para as elites que incorporavam novos hábitos. Lá se encontravam as lojas que exibiam as últimas novidades da moda européia. Os trajés masculinos acompanhavam o rigor da moda inglesa, enquanto as mulheres se deliciavam com os ornamentos encontrados nas lojas de comerciantes franceses. Chapéus e bengalas eram acessórios obrigatórios para os homens elegantes, que vestiam casacas de casimira inglesa, mesmo no calor escaldante do Rio de Janeiro, não dispensando a cartola e as luvas. Koseritz ironizava as mulheres que usavam

luvas de couro dinamarquês, que têm 25 botões, e que sobem até as axilas [...] que tem [...] a vantagem não desprezível de fornecer um emprego ao tempo das damas, porque cerca de uma hora e meia são necessárias, (e com a maior prática), para abotoar estas luvas.

Vestidas dessa forma as “damas” ou os “cavalheiros” freqüentavam as lojas que exibiam em suas “enormes vitrinas os frutos mais elegantes” da moda parisiense que, segundo o alemão, serviam para a “ruína dos esposos e pais de famílias”.<sup>3</sup>

As lojas da rua do Ouvidor expunham, além da “última moda parisiense”, os perfumes que deveriam torná-la a mais cheirosa da cidade. Porém, as essências acondicionadas em belos frascos, não conseguiam eliminar os odores fétidos, principalmente à noite, decorrentes dos barris não tampados, que continham as matérias fecais, levadas pelos escravos -os tigres-, para serem jogadas ao mar. Leithold, um prussiano que esteve no Rio de Janeiro na década de 1820, criticava as condições sanitárias das casas: “Não existem privadas em casa alguma; vasos noturnos fazem o

<sup>1</sup> - *Imagens do Brasil*, São Paulo: Edusp; Belo Horizonte: Itatiaia, 1980, p.31.

<sup>2</sup> - Ver Benjamin, W.. “A Paris no segundo Império em Baudelaire”, “Paris, capital do século XIX”, in KOTHE, Flávio. *Walter Benjamin*, São Paulo: Ática, 1985.

<sup>3</sup> - *Ob. cit.*, p.55.

serviço, os quais são removidos pelas ruas menos construídas ou esvaziadas em quintais e jardins pelos escravos”.<sup>4</sup> Anos depois as condições sanitárias continuavam as mesmas. Thomas Ewbank, ao percorrer a cidade na década de 1840, assinalava que

Não há aqui esgotos nem fossas – e nem latrinas – ainda quando haja amplos pátios e quintais anexos às construções. Em toda parte usam-se cabungos fechados [...]. Levados à cabeça dos escravos, são esvaziados em certos lugares da baía, todas as noites.

Mais adiante ironizava e, ao mesmo tempo, alertava para o perigo de andar pelas ruas do Rio de Janeiro, após as vinte e duas horas, “não é seguro nem agradável”.<sup>5</sup>

O Rio de Janeiro era um espaço repleto de contrastes, caracterizado pela incorporação das *novidades* europeias e das idéias de *progresso* e *civilização* que se opunham ao escravismo. Essa peculiaridade da cidade favoreceu a participação da população em diversos eventos de cunho abolicionista na década de 1880. Libertos, mulatos e brancos pobres se juntavam aos propagandistas nas ruas contra o cativo. O crescimento urbano e a existência de um contingente expressivo de escravos ou descendentes facilitaram essa mobilização de caráter popular que marcou o abolicionismo no Rio de Janeiro.

A cidade sempre teve uma grande concentração de população negra desde o século XVIII. Através do seu porto, os traficantes abasteciam a região mineira e, no século XIX, as fazendas cafeeiras do sudeste, em especial do Vale do Paraíba.<sup>6</sup> O Rio de Janeiro possuía, em 1850, 206 mil habitantes, sendo 79 mil escravos, ou seja 38% em relação ao total; em 1890, 522.651 habitantes, sendo aproximadamente 180.000, isto é 34%, identificados como negros ou mestiços, os quais viam as ruas como locais de refúgio e sobrevivência.<sup>7</sup> As cidades brasileiras apresentavam-se como cidades africanas, especialmente o Rio de Janeiro. Gonçalves Dias no seu poema *Meditação*, escrito em 1846, assinalava que qualquer estrangeiro que chegasse a um porto brasileiro examinaria atentamente o mapa e os astros para verificar se os ventos não o tinha levado à costa africana. Para o poeta maranhense, somente após essa verificação o viajante teria certeza de ter chegado ao Brasil.<sup>8</sup> O Rio de Janeiro, por exemplo, se constituiu na maior cidade escravista das Américas, na metade do século XIX.<sup>9</sup>

---

<sup>4</sup>- Leithold, T. Von. “Minha Excursão ao Brasil, ou viagem de Berlim ao Rio de Janeiro e volta”, in *O Rio de Janeiro visto por dois Prussianos em 1819*. São Paulo: Cia. Edit. Nacional, 1966, p.29.

<sup>5</sup>- *A Vida no Brasil*. 2 vols., Rio de Janeiro: Conquista, s/d. (1ª ed. 1846), p. 95.

<sup>6</sup>- Machado, Humberto F. *Escravos, Senhores e Café. Um estudo da crise da cafeicultura escravista do Vale do Paraíba Fluminense. 1860-1888*. Rio de Janeiro: Kromos, 1993.

<sup>7</sup>- Alencastro, Luiz Felipe. “Vida Privada e Ordem Privada no Império”, in *História da Vida Privada no Brasil. Império: a corte e a modernidade nacional*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997, p. 25. A respeito da cidade esconderijo e os mecanismos utilizados pelos escravos para se refugiar e sobreviver, ver: Chalhoub, Sidney. *Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte*. São Paulo: Companhia. das Letras, 1990.

<sup>8</sup>- Cf. Alencastro, *ob. cit.*, p. 29.

<sup>9</sup>- Alencastro, *ob. cit.*, p.24. Karasch, Mary. *A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)*, São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

Esse foi o palco privilegiado pela campanha abolicionista, em função do alto grau de cosmopolitismo da cidade e de sua identificação com os problemas do país. Deve-se acrescentar ainda a circulação mais rápida das notícias, devido ao aumento da publicação de jornais. Especialmente na década de 1880, a imprensa adquiriu um papel fundamental na difusão das idéias abolicionistas e republicanas, que influenciou não somente as elites intelectuais.<sup>10</sup> Os jornais tornaram-se verdadeiras “fábricas de notícias”, “indústrias de informação” e, junto com outras instituições, atuaram no sentido de formular novos valores para uma sociedade que estava iniciando um processo de mudanças.<sup>11</sup> Os assuntos políticos e o abolicionismo “ganharam as ruas” junto com os periódicos e os segmentos urbanos tiveram maior facilidade de externar as suas reivindicações.<sup>12</sup>

A divulgação da campanha abolicionista era feita pelos jornais, distribuídos por vendedores ambulantes “rapazinhos italianos, negros e mulatos, que nos deixam quase surdos com a sua gritaria”, conforme nos informa um contemporâneo.<sup>13</sup> Os pontos de venda eram os quiosques que distribuíam também livros, impressos, flores, doces, charutos, cigarros, café e refrescos. Locais por onde circulavam as notícias e as “últimas novidades”. A leitura dos textos em voz alta facilitava a circulação das idéias. Numa sociedade marcada pelo analfabetismo, os periódicos eram mais ouvidos que lidos, mais vistos que lidos.<sup>14</sup> O aumento do público leitor ocorria em função de uma verdadeira “leitura de ouvido”. Assim, as idéias abolicionistas eram difundidas mesmo para os analfabetos.<sup>15</sup>

Entretanto, poucos órgãos da imprensa aderiram, sem subterfúgios, à campanha abolicionista. Muitos só defenderam o término incondicional da escravidão, quando se tornou impossível preservá-la em virtude das incessantes fugas dos escravos das propriedades e o apoio acentuado da sociedade para a sua eliminação. A opção clara em favor de uma solução para a “questão servil” ocorreu na década de 1880, quando o cativo já estava em sua fase de agonia.

Quando cotejamos, por exemplo, os números da *Gazeta da Tarde*, principal jornal abolicionista do Rio de Janeiro cujo proprietário era José do Patrocínio, e *do Jornal do Comércio*, reconhecidamente um órgão vinculado às atividades mercantis, no dia da extinção legal do cativo, percebe-se imediatamente as diferenças de abordagem. Enquanto o primeiro não

---

<sup>10</sup>- Machado, Humberto F. *Palavras e Brados. A Imprensa Abolicionista do Rio de Janeiro (1880-1888)*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, 1991. Barbosa, Marialva. *Os Donos do Rio. Imprensa, poder e público*. Rio de Janeiro, Vícios de Leitura, 2000.

<sup>11</sup>- Barbosa, M., p.15

<sup>12</sup>-Machado, Humberto F. “O Abolicionismo ‘ganha as ruas’ no Rio de Janeiro”, in *Revista da SBPH*, Curitiba: Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica, 1998, ps. 71/76. Ver também Bergstresser, Rebecca B. *The Movement for the Abolition of Slavery in Rio de Janeiro. 1880-1889*. Tese de doutorado. Stanford: Stanford University, 1973.

<sup>13</sup>- Koseritz, *ob. cit.*, p. 52/53.

<sup>14</sup>- Barbosa, M., *ob.cit.*, p.200.

<sup>15</sup>- Machado, Humberto, *Palavras e Brados*.p.18.

publicava nenhuma matéria sobre venda ou aluguel de escravos, o segundo, naquela data, omitiu os debates do Parlamento sobre o projeto abolicionista, veiculando através de suas páginas anúncios a respeito do ignóbil comércio. Deve-se frisar que o *Jornal do Comércio* praticamente ignorou a campanha abolicionista, exceto por alguns artigos cujos espaços eram comprados pelos autores”, denominados “a pedidos”.<sup>16</sup>

Os abolicionistas consideravam os jornais como os documentos mais importantes para denunciar as mazelas do cativo. Para Joaquim Nabuco eles “fotografavam” a escravidão de uma forma “mais verdadeira do que qualquer pintura”, destacando a sua importância para os historiadores quando estudassem a instituição futuramente. Segundo ele,

Se o Brasil fosse destruído por um cataclisma, um só número, ao acaso, de qualquer dos grandes órgãos da imprensa, bastaria para conservar sempre as feições e os caracteres da escravidão, tal qual existe em nosso tempo. Não seriam precisos outros documentos para o historiador restaurá-la em toda a sua estrutura e segui-la em todas as suas influências.<sup>17</sup>

José do Patrocínio registrou também o papel que os jornais desempenharam na propaganda antiescravista. Às vésperas da extinção legal da escravidão, ele ressaltou como o “atrito da imprensa” e o “calor da palavra” serviram “para limar os grilhões de três séculos de cativo”.<sup>18</sup> Em relação ao *Cidade do Rio*, jornal de sua propriedade, assinalou como manteve-se independente, não se atrelando a nenhum partido e à estrutura política, exceto ao “partido abolicionista”. Segundo Patrocínio, o jornal viverá “[...]na memória das gerações livres do Brasil, e os historiadores não de fazê-lo depor no processo histórico de nossa pátria, na primeira fila das testemunhas honestas e altivas do nosso tempo[...]”.<sup>19</sup>

Indiscutivelmente, a divulgação sugestiva e interessada dos jornais exerce uma pressão psicológica sobre as atitudes e comportamentos das pessoas na medida em que utiliza, muitas vezes, “slogans” direcionados para um determinado fim. Por exemplo, quando José do Patrocínio, influenciado por Pierre-Joseph Proudhon, terminava os seus editoriais afirmando que: “A escravidão é um roubo e todo dono de escravo é um ladrão”,<sup>20</sup> tinha o objetivo de angariar a simpatia de um maior número de adeptos para a causa abolicionista. Claro que existia, naquele momento, um clima favorável. Assim, a imprensa pode agir como um agente de mudança social, interpretando, inclusive, as tendências do leitor.

---

<sup>16</sup> - idem, ibidem, p. 20

<sup>17</sup> - *Abolicionismo. Conferências e Discursos Abolicionistas, (1883-1884-1885)*. São Paulo: Progresso, 1949, p.104.

<sup>18</sup> - *Cidade do Rio*. 30 de abril de 1888.

<sup>19</sup> - *Cidade do Rio*, 28 de setembro de 1889.

<sup>20</sup> - Sobre o pensador francês ver: Paulo Edgar A. Resende e Edson Passeti, (orgs.). *Pierre-Joseph Proudhon, Col. Grandes Cientistas Sociais*, São Paulo: Ática, 1986. Pierre Joseph Proudhon. *O que é a Propriedade?* (1840), São Paulo: Martins Fontes, 1988. O autor faz uma analogia entre a escravidão e a propriedade: “O que é a escravidão? ...É o assassinato”, mais adiante, comparando-a com a propriedade: “O que é a propriedade? ... É o roubo...”, p. 15.

Exageros à parte, inquestionavelmente a ação dos jornais na veiculação de matérias que retratavam a sociedade escravista contribuiu enormemente para a sua derrocada, como se pode atestar pelos diversos estudos que usaram a imprensa como fonte principal para a análise do cativo. Eles tiveram o mérito de revelar, através de vertentes teórico-metodológicas diferenciadas, alguns aspectos de sua realidade.<sup>21</sup> Paralelamente à atuação da imprensa abolicionista, os militantes organizavam-se para abalar cada vez mais as estruturas escravistas.

Em 1880, foi criada por um grupo de abolicionistas, entre os quais Joaquim Nabuco, a Sociedade Brasileira contra a Escravidão, semelhante à sua congênere inglesa - *Anti Slavery Society*. Suas reuniões e conferências atraíam um grande número de pessoas. Em 1883, a Confederação Abolicionista do Rio de Janeiro, liderada por João Clapp e José do Patrocínio, incorporou várias associações, como o Centro Abolicionista Ferreira de Menezes e o Clube de Libertos de Niterói.<sup>22</sup> Paralelamente à mobilização desses intelectuais e das entidades antiescravistas, ocorriam debates cada vez mais intensos na Câmara sobre a *questão servil*, transcritos nos jornais, aumentando a repercussão junto à opinião pública, apesar das dificuldades, como já assinalado, pelo alto grau de analfabetismo.

A luta antiescravista ocupou vários espaços: do Parlamento às ruas, dos teatros às igrejas e jornais, das casas grandes às próprias senzalas. Assim, o abolicionismo se desenvolveu em diversos palcos que serviam para criticar o que Joaquim Nabuco denominava a “nefanda instituição”.<sup>23</sup> Festas beneficentes e quermesses também eram organizadas para angariar a simpatia popular e recursos destinados à alforria dos cativos. A ação nas vias públicas para convencer os proprietários dos *males* do cativo também era outro artifício usado pelos militantes. Assim, a campanha abolicionista, não mais restrita ao Parlamento, ganhou as ruas através de inúmeras manifestações.<sup>24</sup>

Os abolicionistas da Corte utilizaram um artifício que surtia um efeito devastador sobre os senhores. Era o que eles denominavam a *limpeza das ruas*, que consistia em pressionar proprietários de escravos de algumas ruas do centro, escolhidas previamente, para libertarem os seus cativos, sob ameaça de publicação de seus nomes nos jornais. Cada propagandista ficava responsável por uma rua, devendo persuadir os senhores a eliminar a *mancha* que sujava a cidade. A *limpeza* da Rua do Ouvidor e do Largo de São Francisco, onde se situava a Escola Politécnica, em abril de 1884, foi

---

<sup>21</sup> - Entre os pioneiros que utilizaram os jornais para estudar a escravidão, destaca-se Freyre, Gilberto. *O Escravo nos Anúncios dos Jornais Brasileiros do século XIX*. 2ª. ed. , São Paulo: Cia. Edit. Nacional; Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1979. Pode-se mencionar, também: Renault, Delso, *Indústria, Escravidão e Sociedade. Uma Pesquisa historiográfica do Rio de Janeiro no século XIX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976. Graf, Márcia E. *Imprensa Periódica e escravidão no Paraná*. Curitiba: Secretaria de Cultura e Esporte, 1981. Schwarcz, Lília Moritz, *Retrato em Branco e Negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

<sup>22</sup>- Machado, Humberto F. *Palavras e Brados*. P.31.

<sup>23</sup>- *O Abolicionismo*. ...

<sup>24</sup>- Machado, H., “*O Abolicionismo ganha as ruas*”, ps. 71/76.

saudada de forma entusiástica pelos jornais abolicionistas da cidade, com festas e bandas de música.<sup>25</sup>

Aniversários, casamentos, bodas, nascimentos ou falecimentos serviam de cenário para as festas de entrega das cartas de alforria. Nas reuniões, de preferência públicas, descritas pelos jornais como produto do esforço dos abolicionistas, enfatizava-se a generosidade dos senhores. O Clube de Libertos de Niterói, por exemplo, preparou uma festa, na qual distribuíram dez cartas de alforria após discursos de diversos oradores.<sup>26</sup> No Teatro Polytheama, situado no centro da cidade, os abolicionistas organizaram uma sessão de poesias, com destaque para o *Navio Negreiro* de Castro Alves, cuja renda seria para “conceder a liberdade” a uma escrava.<sup>27</sup> O *Cidade do Rio*, convidou seus leitores a uma quermesse organizada na Igreja Nossa Senhora do Rosário, por uma confraria negra, “em prol dos seus irmãos escravos”.<sup>28</sup>

Outras associações ligadas à luta antiescravista, como por exemplo o Clube Dramático Abolicionista, tinham como objetivos dar espetáculos em teatros públicos ou patrocinar conferências e concertos, aplicando a renda obtida para a compra da liberdade de escravos, ou até criar escolas noturnas para libertos.<sup>29</sup> Outras, como as Caixas Emancipadoras, visavam a obter cartas de alforria com recursos provenientes de doações, festividades e do pecúlio de escravos. Tinham como alvos, além de libertar, “educar o maior número de sócios de condição servil [...] e socorrer esses mesmos sócios em casos de perseguição”, como o Centro Abolicionista Ferreira de Menezes, fundado na redação da *Gazeta da Tarde*, em 1882.<sup>30</sup> Leilões, coletas de dinheiro, através de subscrições públicas, *livros de ouro* serviam também para atingir os objetivos dos abolicionistas.

Os jornais davam grande destaque às conferências de oradores abolicionistas. Os teatros ficavam superlotados. Por ocasião das comemorações pela abolição da escravidão no Ceará, em 1884, o teatro Polytheama, no centro da cidade, foi todo decorado por coroas de flores e bandeiras das sociedades abolicionistas do Rio de Janeiro. A leitura de uma carta de Joaquim Nabuco, que estava na Europa, as execuções do Hino Nacional e do Guarani, de Carlos Gomes, marcaram o início de um “verdadeiro carnaval” com a participação de dez mil pessoas. As ruas centrais, com destaque para a Rua Uruguaiana, onde se encontrava a redação da *Gazeta da Tarde*, foram palco de festividades repletas de “alegria e entusiasmo”.<sup>31</sup>

Mas nem sempre essas manifestações eram tão pacíficas, principalmente aquelas que se revestiram de denúncias contra as arbitrariedades dos governantes. As atitudes das autoridades

---

<sup>25</sup> - *Gazeta da Tarde*. 23 de abril de 1884.

<sup>26</sup> - *Gazeta da Tarde*. 6 de julho de 1881.

<sup>27</sup> - *Gazeta da Tarde*. 19 de setembro de 1881.

<sup>28</sup> - 1º de novembro de 1887.

<sup>29</sup> - *Gazeta da Tarde*. 5 de julho de 1881.

<sup>30</sup> - *Gazeta da Tarde*. 11 de maio de 1882. Ferreira de Menezes destacou-se na luta contra a escravidão e foi proprietário do *Gazeta da Tarde* até sua morte. O jornal foi depois vendido para José do Patrocínio.

<sup>31</sup> - *Gazeta da Tarde*. 24 de março de 1884.

governamentais durante o Gabinete Cotegipe contribuíram para o aumento da tensão entre os abolicionistas e os que desejavam a preservação do cativo. A proibição de “ajuntamentos em praças e ruas” quase provocou um confronto de graves proporções, em agosto de 1887, quando a Confederação Abolicionista do Rio de Janeiro organizou um *meeting* no Teatro Polytheama. Durante o discurso de Quintino Bocaiúva, explodiram bombas dentro do recinto. Em seguida, entraram “policiais armados de cacetes”, que lutaram com os assistentes. Após a expulsão dos policiais para o jardim, o recinto foi invadido por “um piquete de cavalaria e outro de infantaria”. O embate foi evitado após entendimentos mantidos entre os líderes e as autoridades policiais. Os espectadores foram para a Rua do Ouvidor, protestando contra o governo e aclamando a Confederação Abolicionista.<sup>32</sup> A tentativa de proibição de reuniões públicas não surtia efeito, pela repercussão do abolicionismo nos vários setores da sociedade, inclusive pela resistência do próprio escravo.

Enfrentando as várias adversidades, os jornais abolicionistas, entre os quais deve-se destacar aqueles ligados a José do Patrocínio, principalmente a *Gazeta da Tarde* e o *Cidade do Rio*,<sup>33</sup> conseguiram disseminar as idéias antiescravistas entre os vários segmentos da população da cidade do Rio de Janeiro, seja através dos seus leitores ou pelas manifestações públicas que atraíam pessoas que não tinham acesso às suas matérias, incluindo-se, neste caso, os analfabetos. Com todas as limitações, inerentes ao período, os escritos dos abolicionistas extrapolavam as páginas dos órgãos da imprensa, atuando como fontes de pressão contra os interesses dos senhores. Não há dúvida, de que esses jornais engajados na campanha abolicionista cumpriram o seu papel de divulgadores das mazelas do cativo, denunciando as arbitrariedades dos senhores e a resistência dos escravos. Não se pode atribuir à imprensa e aos propagandistas a responsabilidade pelo término da escravidão. No entanto, foram os espaços privilegiados para veicular as idéias abolicionistas, contribuindo dessa forma para a derrocada do escravismo.

Assim, nada mais natural, portanto, que as manifestações de júbilo pela aprovação da abolição ocorridas em vários locais do país ocupassem lugar de destaque nos diversos órgãos da imprensa. No Rio de Janeiro, os jornais patrocinaram festividades, como missas que reuniram, além da família imperial e do gabinete, uma verdadeira multidão. Procissões, regatas na enseada de Botafogo, corridas de cavalo, teatros franqueados ao público, faziam parte das celebrações pela extinção legal do escravismo. As ruas da cidade foram ornamentadas com bandeiras e flores. Nas sacadas dos sobrados, os panos coloridos retrataram a alegria da população. A mobilização dos setores urbanos, com o apoio da imprensa, contribuiu para a derrocada de uma estrutura secular que

---

<sup>32</sup>- *Gazeta da Tarde*, 8 de agosto de 1887.

<sup>33</sup>- José do Patrocínio destacou-se na utilização dos jornais como instrumentos de divulgação das idéias abolicionistas. Ver Machado, Humberto. *Palavras e Brados...*

impedia o país de galgar os degraus do progresso e da civilização. E assim, os jornais ingressaram, como afirmou José do Patrocínio, no “tribunal da História”.